



# Gaiato



Visado pelo  
Comissário de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 265 • PREÇO 1\$00

## De como eu fui ao Alentejo e das coisas que por lá vi

Era o Morris. Era o Avelino. Era eu. À hora marcada, estávamos na casa de Miranda, aonde ia ter lugar a nossa reunião. Todos os meses nos reunimos, ora numa ora noutra casa e assim ficamos a saber o que vai na casa de cada um. Demos uma pequenina volta pelos campos, nomeadamente um terreno há pouco adquirido, aonde o padre Horácio tem os seus olhos e favas e batatas e trigo e aveia e mais de cem árvores de fruto e muitas centenas de videiras. Chegada a hora despedimo-nos. Padre Adriano segue para o Tojal. Padre Horácio fica. E cá vou eu para a Alentejo. Atravessamos a ponte de Vila Franca. A estrada por onde vamos é em folha. Avelino nunca ali tinha ido e estranha. Até aos Pegões não vê uma casa. Nada de culturas. Terras de pousio. Muitos sobreiros. Muitas azinheiras. É o Alentejo. Passamos por Vendas Novas. Eram horas e nós perguntamos, mas não vimos nada com jeito de casa aonde se comesse e seguimos. Mais quilómetros. Agora aparecem casas e que lindas que elas são! Flores brancas entre ramos de verdura! Muitas delas. Deu-me curiosidade e entrei dentro de algumas. É pela cozinha. A chaminé indica e chama. Este é o melhor aposento da casa. Tudo ali espelha. A dona da casa põe o seu gosto nas coisas mais pequeninas. Dá vontade de ali ficar. São assim as casas alentejanas. Todas elas. Enquanto seguimos, aparece ao longe, deitada numa encosta a formosa vila de Montemor e daí a nada estávamos dentro dela. Avelino olha em redor. Eram horas de comer. Nisto aparece a

Maria Florentina, que safa de casa em direcção a um monte. Pergunta se queríamos ir almoçar. Não foi nada combinado, mas tudo se combinou; a hora, o apetite, o almoço num monte alentejano e este da Maria Florentina... Para quem não souber, o monte dos alentejanos é um lugar precioso e apreciado, aonde não falta nada. Serviram-nos a refeição. Criados antigos da casa, quiseram ver os visitantes. A dona encheu a caixa do Morris de presentes. É assim no Alentejo. Montemor é o sítio aonde um santo nasceu. Estivemos na igreja do antigo hospital. Ajoelhamos na cripta por alguns minutos e depois fomos ver a sua obra. Tudo no mundo perece; só a caridade permanece. Ali estão oito dos seus filhos a pregar esta verdade. É um hospital de aleijões e aleijados. Há crianças quase recém-nascidas. Outras, mais crescidas chamam mãe aos irmãos que as tratam e de todas elas são as verdadeiras amas. A caridade é tal que até muda os sexos... Vem um médico de Lisboa duas vezes por semana endireitar. Operações maravilhosas! Todos nós temos encontrado pelos caminhos homens e mulheres que por aí se arrastam a mendigar. Pois bem. Todos são portadores de uma grande desgraça; não vieram mais cedo para Montemor os filhos de S. João de Deus! Soube ali que eles vão por todas as terras do Alentejo pedir esmola; e que para assim fazer, pediram uma furgoneta ao senhor Presidente do Conselho e que na volta receberam. Ninguém tema pela sorte daqueles religiosos. Mais enfermarias. Mais camas. Mais aleijados. O resto vem por acréscimo. Nasceu ali um santo. Deu a lição. Ele começou a obra a mendigar e é assim, pedindo, que ela há-de viver. O Superior e eu, fizemos um contrato sem tabelião nem papel selado: criança que eu venha a encontrar nas condições das que vi, pego nela e vou levá-la. Rapaz por eles curado, que precise de um ofício leve para ganhar a vida, vem para uma das nossas casas e escolhe uma oficina. Nem acordo, nem contrato, nem escritura, nem decreto, nem nada. Bom entendimento e acabou.

Mas Montemor não fica por aqui, quanto a panoramas sociais; não fica. Temos ali uma casa de trabalho para raparigas, instalada no antigo asilo da terra, aonde umas 30 delas aprendem e fazem por suas mãos, todo o serviço que é dado à mulher. Seria de grande interesse, se dirigentes de comu-

(Continua na segunda página)

## CRÓNICA D'ÁFRICA

Quando há tempos parti de Paço de Sousa, com destino à África, prometi ao Pai Américo que enviaria todos os meses uma crónica para o nosso jornal. Os meses passaram e só hoje tive forças para escrever algumas palavras. Mal sabia eu que este primeiro ano, havia de ser um martírio constante. Os onze anos que vivi na Obra da Rua, pesaram bastante nesta adaptação em terras ultramarinas. Foram onze anos de convívio familiar. Onze anos que serão difíceis esquecer. São eles a causa deste meu martírio. Se eu amava a Obra da Rua, enquanto estava debaixo das suas telhas, hoje, mais do que nunca eu a amo. Quando embarquei para estas terras, pensei que seria fácil a separação, quando afinal sucedeu o contrário.

Agora nada há a fazer, senão esquecer por momentos tudo e contar aos amigos leitores algumas impressões de África. Por enquanto, pouco posso dizer, pois ainda não conheço bem estas novas terras e novas gentes. No entanto, alguma coisa já vi, que me chama a atenção e faz com

que o meu pensamento vá até àqueles casebres que tantas vezes visitei no Barredo. Faz lembrar-me aquele pai, que uma vez me disse, não ter onde ganhar o pão para os seus cinco filhos. Ainda o meu pensamento vai para aquelas dezenas de famílias que vivem miseravelmente, porque os seus chefes não têm onde trabalhar. Tudo isto vem ao meu pensamento, quando os meus olhos esbarram com a abundância de terrenos por cultivar. É inacreditável. Pelo que já vi e pelo que dizem os melhores colonos, chego à conclusão que existem milhares de quilómetros de terreno, que cultivados, seriam uma riqueza para o país e o pão para muitas famílias. Eu sei que o governo tem mandado algumas famílias rurais para Moçambique, mas, ainda são muito poucas. É preciso ir àqueles bairros pobres onde centenas de homens vivem sem ter onde ganhar o pão de cada dia. Em vez de revoltados, seriam braços fortes a trabalhar pelo engrandecimento de Portugal. Em vez de famílias tristes, seriam alegres porque não lhes faltava o pão.

Carlos Gonçalves

## Da que nós Necessitamos

Começamos por dizer que M. M. está entregue. Mais 150\$00 do Porto. Mais de Lourenço Marques, de alguns amigos da Obra da Rua e uma missa por alma de Palmira. Sim senhor, tudo se cumpriu. Mais 500\$ do Porto, de um mísero funcionário corporativo, como ele se chama a si mesmo. E dá a razão daquele mísero. Mais um mundo de coisas e de votos e de promessas, tudo como se deixa ficar no Espelho da Moda. São carradas. Mais encomendas postais de todas as províncias de Aquém e de Além Mar. Algumas delas são feitas de panos de linho para a ferida da nossa padecente. Mais aquela Mãe amargurada com o segundo abono de seu filho. Mais 50\$ de um rapaz católico. Os rapazes católicos são admiráveis. A carta deste é um compêndio. O mundo não o merece. Mais 100\$ para a Viúva com 8 filhos envio esta pequena ajuda em acção de graças pelo nascimento do meu citavo filho. Quem não há-de amar a leitura deste jornal?! Outro tanto de Aveiro pelo João de Buarcos. Mais cinquenta de Lis-

boa. Mais outro tanto. Mais 100\$ da Maria Luíza de Angola. Mais de Aveiro 300 angolares. Mais 150\$ do Porto. Mais de Lisboa 1.500\$ da Elisa. Mais de Lourenço Marques 50\$ de um aluno do Liceu Salazar. Mais de Lisboa 200\$. Mais 500\$ de São Paulo. Mais da Rodézia do Norte 5 libras. Aonde um Português, aí a Bandeira de Portugal. Este começa a carta — emb ra longe da Pátria. Por isso mesmo ninguém mais patriota. E quer o Barredo, e quer o Ovo de Colombo e quer o Gaiato todos os quinze dias. Ele quer derramar lágrimas. Oh! Gaiato; quem te não há-de amar! Mais 100\$00 de Mirandela Mais 250\$ da Beira. Beira, África. Cá nos nossos negócios, África é ali fora da porta. Abrimo-la e ela entra. Tem entrada. Está entrando. Há-de continuar. Agora mesmo entra o Manuel Pinho da Beira com a roda dos subscritores mensais, chequesinho na mão. Mas há mais. A vizinhança é tão amiga, que deseja ser participante de tudo quanto nós por aqui fazemos. Ora leiam esta carta precedente

(Continua na segunda página)

## NÓS VAMOS AO COLISEU

**E os Senhores não deixem de vir também. Nós precisamos de três mil pessoas. É no dia 1 de Julho próximo, à noite. O Seja- quim já anda com a batuta. Já tenho aqui muitos pedidos de oradores; todos querem ir dizer. Miranda já sebe. O Tojal também. No final temos a capa... E até lá.**

## De como eu fui ao Alentejo e das coisas que por lá vi

## Continuação da página anterior

nidades da mesma natureza, fossem até ali, vissem como é, e de regresso às suas casas, praticassem. Eu estive. Eu observei. Tudo no seu lugar, conquanto a casa se não preste, por ser um antigo convento de religiosas dominicanas. As educandas respiram. Aproximam-se. São abertas. Não há uma única pessoa estranha. É uma senhora e à roda dela tudo gira. Até a roupa que elas vestem é obra das suas mãos.

De novo a caminho por estradas impecáveis. Os campos de trigo são a perder de vista e este, ao que ouvi, o que de melhor tem havido. Mais casinhas alentejanas espalhadas por toda a parte; vé-las é um deleite! Passamos a Estremoz, que é dentro de uma fortaleza. Um nadinha em frente, Vila Viçosa: páginas abertas da história de Portugal!

Era já dia entrando quando chegamos a Elvas. Mais história de Portugal. O forte de Santa Luzia chamou a minha atenção e eu comecei a subir a encosta. Avelino vai mais eu. Grupos de crianças esfarrapadas olham-nos, com estranheza. Pergunto-lhes aonde moram e respondem: *lá mais em cima*. Olhei. Não vi sinal de moradias e as crianças respondem: *fica atrás do Castelo*. O sol dava

da Beira, datada de 24 de Março: «Não sou católico. Não tenho religião, mas isso não obsta a que o senhor possa aceitar uma observação minha.

Vou ser breve. Vivo na Beira (Moçambique) mas sou metropolitano e conheço suficientemente a miséria que por aí existe. Tenho verificado que o dinheiro, aqui, quase perdeu o significado do seu real valor, perante a facilidade com que se desbaratam centenas de escudos, sem proveito algum para a sociedade. Muitos dos que gastam esse dinheiro não compreendem o seu próprio sacrifício para o conseguir.

«Não seria uma campanha interessante, da parte da Casa do Gaiato, no sentido de que cada patrão, nas colónias, fosse um propagandista voluntário da «Obra da Rua» e intercedesse junto dos seus empregados para a mísera quantia de 1% dos seus vencimentos reverter em favor de tanta miséria que existe em Portugal?

Tive esta ideia ao ver no v. jornal que o capital de que dispõem é limitadíssimo para uma obra de tal envergadura. Poderá o Pai Américo fazer umas contínuas simples e verificar o que significaria essa contribuição?

Ordenado mensal, em média 3.000\$00

N.º mínimo de contribuintes 10.000

Portanto: 30.00 (1,0%) x 10.000 = 300.000\$00 / Mês

E que tal? Não seria então uma obra ainda maior? Não seriam então menos corpos sem frio? Não seriam menos bocas sem fome e menos olhos sem lágrimas?»

Mais 50\$ de Tomar. Mais 20\$ do Estoril. Mais cem. Mais outro tanto para o café do Semanel Duarte de um tropa. Mais 5 00\$00 de Espinho. Mais 50\$ do Porto. Mais 20\$ de Lisboa. Mais cem da Guarda. É um sacerdote daquele Seminário. Mais de Carcavelos 50\$. Mais 100\$00 do Porto. E mais nada.

em cheio na cidade. Fomos subindo e olhando e contando. Era verdade o que as crianças disseram. Estava tudo à nossa vista. Homens, mulheres, crianças. Tudo muito sujo. Tudo muito triste. A nossa presença é espanto. *Só pelo natal*, ouvi dizer, ao perguntar quem visitava aquele bairro. São trinta e cinco buracos. O vento soprava dos lados de Espanha. Mulheres apertam os farrapos do corpo. Homens saem de gatas, que algumas portas não dão para mais. Dentro de uma era um velho, pele de carneiro por agasalho e a cabeça no chão. Estava doente. Não vi camas: *trazemos um pastosoinho das ewas...* Este doente estava na verdade estendido sobre palha e a cabeça no chão. No aglomerado de tanta miséria, treme-se ao saber de menores prestes a ser mães! Eu vi uma assim. Pudera ter perguntado. Não faltava ali a quem. Mas não quis. Aquilo pertence aquilo. Se pregasse algo diferente, ninguém acreditaria. Antes de dizer, urge *fazer*. Fazer casas. Instalar as famílias segundo os preceitos humanos. Não digo todas, mas vi ali barracas com flores à porta. Os vasos eram cacos, sim, mas as flores estavam. É um desejo. É um esforço. É uma tentativa. Aquela gente é capaz. Quer uma casinha alentejana. Quem sabe se a criança que vai ser mãe, não cultiva cacos de flores à porta da sua choupana, quem sabe?

Isto foi o que eu vi. Isto é o que eu digo. Isto é o que lá está. Se as minhas palavras vierem a possuir a virtude de mexer e remexer e levar os habitantes de Elvas a bater no peito, chamarei gloriosa a esta minha viagem.

Arruolos também nos fez parar. Das casas do «Património» que até hoje se têm erguido por aí além, nunca vi nenhuma como estas e há delas tão formosas. Nunca assim vil o sítio. As proporções. A construção. Tudo. São os vicentinos da vila pároco à frente. As casas chamam-se mesmo «Moradias Vicentinas». A vila fica num alto. As casas são de branco. Que as mai-vilas e cidades e povoações as vejam e façam na mesma, para um Alentejo melhor.

Dali a Évora é um golpe. A hora da chamada conferência, estava na sala do Liceu. Autoridades tomaram a presidência. Um senhor foi convidado e disse bem de mim, ao apresentar-me. Assunto? Casas para pobres. O senhor Arcebispo quer. Já tem dinheiro em caixa. Há outras obras, é este o sistema. Porém, em matéria de casas do *Património*, o caminho é outro; casas para a frente e o dinheiro aparece.

De novo atravessamos a ponte de Vila Franca, rumo ao Porto. Era de manhã quando chegamos a Coimbra. Celebrei em Santa Cruz. Ao entrar na igreja, hora matutina, estranho ver tanta assisência. Não era dia santificado. Homens, mulheres, crianças. Funcionários, militares, trabalhadores. No final da missa, havia mais gente do que quando entrei e entrava mais povo, quando eu saía! Que era aquilo? Dia de Nossa Senhora das Dores. Como este mistério anda escondido no coração de tanta gente! Como ele move e remove! Quem levou tanta presença àquela hora, naquela igreja, num dia de fazer, quem? Nossa Senhora das Dores.

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Ontem estive em Viana do Castelo. Chamaram-me e eu disse que não, mas depois disse que sim e fui. Andava um pedatório nas igrejas e nos cinemas. São os vicentinos. Sabendo e sentindo como os Pobres vivem, procuram por todos os meios melhorar-lhes a situação, não tendo encontrado mais acerto de que oferecer a cada um uma casa descente, daí o seu fervor.

Os vicentinos! Quanto não podem eles fazer! Como entesoiram e guardam para a vida eterna! Não devia haver uma única freguesia em Portugal, aonde eles não fossem. Uma única. E são tão poucas! Ficariamos espantados se viesse à luz uma estatística bem feita.

Num intervalo fui ver as casas já feitas e falar com os seus habitantes. Estão dois blocos e o terceiro vai-se inaugurar. O terreno é ingrato, por pedregoso, mas os Pobres aproveitam e eu vi ali hortas e jardins. Não falta o sol. O mar é ali ao pé. Adiante são as zonas das moças bem feitas e bem trajadas, que levam o nome de Portugal às capitais estrangeiras. As moradias são bem divididas, aposentos suficientes e todos dispõem de sótão. A primeira aonde entro, é um casal e seis filhos. Enquanto faço perguntas, oiço tossir. Mais tossir. Mais tossir. É o chefe daquela família que jaz ao comprido no leito. A sua cara evita perguntas. O doente olha para mim e diz *meti os papeis há mais de seis meses*. Os filhos estavam à roda, alguns de tenra idade. A Mãe queixa-se. Coloca um dedo na cabeça de dois enquanto revela *eles andam em tratamento...* Despeço-me. Entro na casa seguinte. A porta, sobre uma pedra, está senta um moço. O casal tem nove filhos e aquele é o mais velho. Também ele já meteu os papeis e tem irmãos contaminados. Remédio? Esperar. Não sei como é lá fora. Nós cá somos assim.

De Viana do Castelo vamos a

Miragaia. Ali não é a terra que tremem; são as pessoas. As que estão e as que passam. Dos eléctricos, da alfândega. Dos automóveis. Dos vapores e das barcas, do lado de lá do rio e até os passageiros que voam nos T. A. P. a caminho de Lisboa ou vice-versa. É um tremor de corações. São hoje mais de cinquenta os trabalhadores que ali andam. Gente rural. O Mestre de Obras da nossa aldeia, conduziu para ali a sua máquina e pelo andar de coisas, dentro em pouco entregamos casas. São um ror delas de cozinha e uma sala. Menos delas de cozinha sala e dois quartos e uma de cozinha sala e três deles. O nosso intuito é mais para famílias indigentes do que para famílias numerosas. Isto é mais consentâneo com a doutrina do Património. Exemplo. Aqui nas vizinhanças houve de se fazer entrega de uma casa com trez quartos, cozinha e loja. Foi muito disputada e parece que devia ter sido entregue a um pedreiro muito pobre e com muitos filhos. Mas ele trabalha. Tem abono de família. No pensamento do legislador, era mais a propósito uma viúva muito pobre com três filhos; e a casa foi para ela. Num quarto é o tear. Em cada um dos outros é uma cama. A loja foi emprestada a uma vizinha, também viúva, aonde guarda uma ovelha. Para a classe de famílias numerosas em que o chefe trabalha e colhe benefícios, que venha outra obra, outro organismo, outras leis.

Um jornal de Santo Tirso, anuncia que ali se anda a trabalhar e a Comissão, pároco à frente, pede terrenos dentro ou perto da vila, para assim terem os Pobres mais à mão. É a Comissão que assim fala e assim quer e assim pede. Aqui está o acerto. *Património dos Pobres*, sem visitantes de Pobres é um remendo. Por quem não-de eles chamar? Quem os ouve, se estão longe? Aqui deixamos por padrão os vicentinos de Santo Tirso. Quem os seguir, não vai errado.

## CANTINHO DOS RAPAZES

Venho hoje aqui para vos lembrar que o Maximiano acaba de dar entrada na cadeia civil do Porto. Não entrou por ter feito uma; não por ter feito duas. Os juizes são justos; a primeira vez aconselham. A segunda repreendem. A terceira castigam. Foi o caso do Maximiano. É o caso de outros vossos colegas que por lá andam. Do processo do Ernesto Pinto, outro nas cadeias, consta o seguinte: *estive por muitos anos em uma casa de trabalho e não quis aproveitar*. Eu li. Foi um Juiz que ditou. Não vos podeis queixar.

Além destes dois, poderia nomear o Zé Maria de Sinfães e ainda ou ros, que já perderam nome e fama por sentenças públicas. São conhecidos. Têm cadastro. Não peca quem os difamar. Mas deixemos os reclusos e vamos aos que actualmente andam pelo Porto naquela vida a que vocês chamam «vida de liberdade». *Nós agora somos livres*, costumam dizer al-

Dá certo. A verdade es á aqui. Para algo morre o grão de trigo. Por algo uma espada de dor lhe atravessou o coração.

gurs. Ora acerca destes, não posso aqui dizer nomes, pois que todo o homem tem direito a usar e gozar a sua boa fama, até que nos tribunais a venha a perder. Mas posso, sim, dizer-vos com verdade que alguns an lam a trabalhar para seguir as pisadas do Maximiano e outros que tais.

Quanto isto nos magoa, não vos posso dizer. Li ontem nos jornais que, algures, um Pai pôs termo à sua vida, ao saber que um filho havia roubado um cordão de ouro. Não foi capaz de suportar o desgosto. Antes quis a morte. Por aqui podeis julgar por que preço se não paga isto de amar os homens por amor de Deus! Porque preço não pagou Jesus Cristo este amor! Não vos posso dizer.

Mas como Deus é bom e não abandona quem por Ele trabalha, temos as nossas compensações. Temos sim senhor. To los os meses chegam cartas de África com cheques de somas importantes; mil escudos cada um é o usual. Que é isto? É dos que por lá andam a trabalhar. Esse dinheiro é para a conta deles. É o

Continua na terceira página

## Tribuna de Coimbra

Escutei ontem uma lição dum Mestre da nossa Universidade sobre o papel social da Igreja entre patrões e operários. É um curso organizado pela UCIDT (União Católica dos Industriais e Dirigentes de Trabalho). Geralmente estas lições costumam ficar no papel, e nos primeiros entusiasmos; mas a de ontem não. A Igreja tem lutado e lutará pela solução de tão urgente questão e a UCIDT com o seu MONAC (Movimento Operário Nacional de Auto Construção) caminha activamente pela rota traçada pela mesma Igreja.

Ninguém, como a Igreja Católica, tem na mão a chave. É Ela mesma a única capaz de resolver. O Sermão da Montanha foi um tratado sublime de Doutrina social: Bemaventurados os que têm fome e sede, que serão saciados; Bemaventurados os que usam de misericórdia, que alcançarão misericórdia; Bemaventurados os que padecem por Amor da Justiça, que serão chamados filhos de Deus.

No século XIX perante a crise mundial, fruto do liberalismo económico, aparece o Santo Padre Leão XIII com a Rerum Novarum, documento este que todos os patrões e operários deviam ter à cabeceira e no coração. Começa o Papa por ensinar que todos têm de sofrer a cruz própria da sua vida e que ninguém pode fugir a ela. E quem julgar encontrar na terra um estado de vida sem luta, engana-se e está fora do seu lugar. Marca os deveres dos patrões e operários. Os patrões tratando os seus operários como pessoas humanas e filhos de Deus e não máquinas económicas; devem remunerar os seus operários conforme as suas necessidades e os lucros devem ser divididos equitativamente por todos os que foram a causa dos mesmos, para assim o operário trabalhar com mais amor, pois o lucro é coisa sua. Os operários devem fazer render o seu trabalho; cuidar de tudo como coisa sua; respeitar os seus patrões e serem seus colaboradores.

Esta Magna Carta dos operários, como foi chamada esta Encíclica, alarmou o mundo inteiro, tal a grandeza e a destreza da sua doutrina e não faltou até quem rezasse pela conversão do Papa.

Já nos nossos dias Pio XI publica a Quadragésimo Ano em que põe novamente à consideração de todos a doutrina tão necessária da Rerum Novarum e acrescenta mais um tratado: a emancipação da mulher.

Como nos calou bem dentro da alma a notícia de que um grupo de estudantes universitários católicos de Lisboa anda a organizar e a estudar um protesto para apresentar ao Governo da Nação sobre os casos de prostituição.

Não é uma manifestação de escravatura a condição a que a mulher se tem de submeter para ganhar a vida, e vender a sua dignidade humana? Que venha depressa o dia em que esse grupo de bravos rapazes se apresente diante das Autoridades e clame bem alto os direitos naturais e perpétuos da pessoa humana e que os abusos sejam reprimidos com serenidade para que nunca mais encontremos nas cédulas dos cidadãos portugueses de amanhã: filho de pai incógnito.

Se nos países aonde nem todos se dizem católicos se aboliu este modo de escravatura, que é de Portugal que se diz Católico?



## Aqui, LISBOA

Continuamos com os peditórios nas igrejas, a falar da paixão de Cristo. Por Ele e com Ele é que nos sujeitamos a mendigar publicamente. Quanto mais sacrifício maior repercussão nas almas. As bandejas que os rapazes nos trazem são o índice. Em S. Domingos 15 contos e meio e duas casas que, segundo a vontade dos videntes, nossa e dos vicentinos, vão ser construídas no Bombarral. Eles já andam a tratar dos alicerces e, pelo fogo que por lá anda, parece-me que vão à dúzia.

Também aparece em S. Domingos o já nosso conhecido Casal Feliz a desobrigar-se e não ficou por ali: acaba de abrir conta no Património com a primeira prestação de mil. Outros mil nos foram ainda confiados, por uma devota de Nossa Senhora de Fátima, por alma de Clara.

Na igreja de Nossa Senhora de Fátima a desobriga colectiva foi até aos dezoito e pico. Também o Património foi contemplado com mil e creio que outros estão a determinar-se. Esta igreja mantém a camisola amarela sobre todas as de Portugal. Os rapazes dizem que a de S. João de Deus vai ser a primeira, pelo incremento que a venda de «O Gaiato» ali está a tomar. Mas não há-de ser fácil. Depois da Páscoa vamos tirar as teias.

Aquela senhora do Buçaco, aqui muito falada, foi a primeira a mandar as amendoas da Páscoa e um caixote de enchido do Alentejo. Bem haja! A seguir foram as alunas do 5.º ano do Liceu M. Amália com cestadas de bolos e dezenas de ovos cozidos artisticamente pintados e 400\$. Está entre elas a germinar a id. da «Casa do Lic. u M. Amália». Basta que cada uma das 1.500 alunas, contribua com 10\$, para que a casa seja uma realidade. E se todos os anos a iniciativa se repetir e todos os Liceus aderirem, teremos resolvido em pouco tempo metade do problema das furnas.

Também as Universitárias de Ciências estão a reunir pedras para a sua casa. Se as outras Faculdades fizerem o mesmo, teremos resolvida a outra metade do problema. A Vacuum cá vai de novo com 1.105\$, isto sem prejuízo das duas casas, de 15 contos cada, prestes a completarem-se; 200\$ em cheque de Lisboa; 50\$ dum tripeiro em Lisboa, «por alma de Manuel e Maria»; 1.000\$ pelas melhoras da esposa; 200\$ dum 2.ª prestação para a Casa de Santo Condestável; 500\$ por uma graça de Nossa Senhora de Fátima; 210\$ das senhoras doutoras da J. U. C. F.; dum paroquiana de Arroios, 100\$ com uma carta atómica. Tanto faz meu senhor, pode depositar nas mãos dos rapazes, no Montepio ou no Banco Espírito Santo, na conta da Casa ou do Património dos Pobres. Tudo cá vem ter. Mais 100\$ do mesmo. Chales de malhas e roupas de bé-bé. Que ricas credencias para o último juízo: estava nu e vestiste-me! Mais roupas em Fátima, de Lisboa e 600\$ de muitas migalhinhas no Seminário diocesano de Fátima, Cova da Iria. Anda por ali mão de incendiário! 50\$ por alma do patrão João; 100\$ de uma amiga da Obra da Rua; 50\$ dos Restauradores e 500\$ da Rua Escola do Exército; 81\$ das crianças da escola do Tojal!!! Isto merece três pontos de admiração; 50\$ e

O Santo Padre actual tem vincado bem fundo esta necessidade da Doutrina Social. Temos no meio e dentro de nós aquela figura asceta e sorridente e afável e santa e por isso limitamo-nos a olhar e ficarmos a sonhar com a grandeza da sua pessoa.

A nossa Mãe, a Santa Igreja, tem sempre os olhos postos nos seus filhos que sofrem. Foi assim a vida do seu fundador, Jesus Cristo. Ensinou isto mesmo aos seus. Um dos grandes cuidados dos Apóstolos era o dos orfãos e viúvas. A União de Triburgo e de Malines foi instituída para estudar profundamente esta Doutrina. Frederico Ozanam fundou as Conferências de S. Vicente de Paulo. S. João Bosco criou a obra que hoje se espalha por todo o mundo. A Doutrina da Obra da Rua e do Património dos Pobres tem a mesma origem e a mesma ambição. E agora UCIDT propõe-se juntar, sem reservas, patrões e operários na mesma comunhão de ideias, de princípios e de acção. E graças a Deus que já há muito feito de positivo.

O princípio é sempre o mesmo para todos, é de Cristo: amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei.

PADRE HORACIO

40\$ da Mestra delas com letra maiúscula; 200\$ da L. O. C. da Fátima aqui mencionada já seis vezes; 20\$ à porta de uma igreja e muitos recados identicos aos vendedor s. Do Grupo Desportivo General Motors 876\$. Vamos ter por ali também uma casa, por certo. Está aqui a faúlhal 1.250\$ do Grémio dos I. de Panificação. Aquele Engenheiro que se propôs fazer uma casa onde quer que tenha um prédio em construção, continua a fazer das dele. Deixou uma em Castelo Branco que foi fermento para outras mais e agora levou o facho para Portalegre, onde vai deitar novo lume; 40\$ de Mafra; da Rua do Crucifixo 470\$; 100\$ dum amigo dos pobres, por alma da mãe; o Jorge Manuel e os seus três irmãos José, Eduardo e Abel, de Torres Novas, associaram à sua irmandade, os gaiatos da terceira classe. Como bons irmãos repartiram por eles a sua biblioteca e 40\$. Os nossos retribuem com um abraço. Da 4.ª prestação do assinante 4.419, da Rua Actor Taborda 100\$; dum paroquiana de Fátima 20\$ e 100\$ doutra; 70\$ dos Empregados do Crédito Predial; mais 229\$ da Neslé e uma libra em ouro, de Vila Moreira, para o cálix do senhor Engenheiro. Será para o crucifixo.

Confirmam-se as datas—2 de Maio, à tarde — da inauguração da nossa igreja e da Missa Nova, na manhã do dia 3. Muitas pessoas nos têm pedido as medidas do altar para ofe ecerrem toalhas. Sem querer desviar a devoção de ninguém, venho esclarecer que necessitamos muito mais de lençois, cobertores e colchas. Temos uma velhinha cega e paralítica, nas Comendadeiras, que está envolta em serapilheiras. Há falta de roupas, quer de cama quer de corpo. Vamos: antes lençois! Queremos também entregar as casas dos Empregados da Hidráulica e da Maria da Cruz e até ao presente nada temos para os pobres que nelas vão morar.

PADRE ADRIANO

Cantinho dos Rapazes—Cont. 2.ª página

produto de um trabalho honesto. Outros que por lá andam, também não dão boa conta, gozam os seus direitos; o seu registro criminal é uma página imaculada. Também deles e por eles, nós recebemos compensações.

Chegados a este ponto, vamos a perguntar porque é que os acima apontados seguraram e estão segurando por caminhos desgraçados, quando é certo que todos, TODOS, beberam da mesma água, na mesma fonte; porque? Não nos vamos naturalmente meter em questões inatingíveis. Não é preciso. Basta que os que estão de pé, façam tudo por não cair.

Veja-se cada um, a cada um destes dois espelhos e determine-se pela esquerda ou pela direita. Nenhum caminho é obrigatório. Vós é que haveis de escolher.

Gostaria que este Cantinho fosse lido nas reuniões dos chefes em todas as nossas casas.

## Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

A Páscoa é domingo. Para não quebrar a tradição, na ante véspera, sexta feira, os confrades vicentinos depositam o folar em casa dos pobres—um quilo de arroz, meio de toucinho, um litro de azeite, uma rqueife e 100 gramas de amendoas da melhor qualidade.

Apesar do déficit elevadíssimo que pesa na caixa da Conferência não há que temer. A Omnipotencia de Deus é de sempre e para sempre. Não falta aos pobres.

Meus senhor-s é preciso fazer uma violenciazinha às carteiras, para na volta do correio recebermos o suficiente que pague à mercearia, pelo menos. São treze folares. Trezel!

—Para ab ter o déficit recebemos de António Pinto 50\$00. Assinante 14.280 da Figueira da Foz, 20\$00. G. Margarida 20\$00. Porto, por alma de A. V. Pinheiro, outro tanto. Assinante 8.763 de Lamego 60\$00. O n.º 23.642, da Régua, 30\$00. Agora esta carta:

«Tendo terminado as prestações para a viúva dos o to filhos, envio 50\$00 que mensalmente mandava para o fim indicado, destinando-os a essa Conferência. Julgo, porém, não me ser levado a mal dizer-vos que, se a senhora viúva continuar a precisar, podia essa importância continuar a ser-lhe atribuída, caso contrário farão o

(Continua na última página)

## Campanha de Assinaturas

Hoje não somos nós a fazê-la. Não somos. E' um de fora. E que campanha! Ora queiram ler:

«Já sou quase velho e, por isso, se o Gaiato existisse há 50 anos, há 50 anos que eu seria um leitor fiel do mesmo.

E estou mesmo convencido que só o não leiem aqueles que o não conhecem, ou não o apanham a modo. Sei de homens que são inimigos n.º 1 da igreja, dos padres e dos beatos, mas se apanham um exemplar do Gaiato, já o não largam sem o ler. Isto não quer dizer que, aqui, ali, eles não torçam o nariz, mas dum maneira geral o jornal domina-os, mau grado seu e continuam a ler. No entanto estes homens (e são milhares) não o assinam por diversas razões. Muitos desconhecem-no e tudo isto faz pena. Sim, pena em ver o bem que se perde, que ele poderia fazer, se todos, ao menos em Portugal, o lessem. Não é que ele leve as pessoas para a igreja, mas desperta neles o que têm lá dentro de melhor, isto é a caridade. E o resto fica à conta de Deus.

Eu vi o relatório das contas do último ano. Bendito seja Deus! E disse para comigo: se eu estivesse na tipografia do Gaiato havia de distribuir uns milhares deles de graça. De maneira que não houvesse terra alguma aonde ele não fosse. E estou convencido que no fim do ano os lucros haviam de aumentar. Se eu pudesse daria a importância precisa para cobrir essa despesa. Ia ao anuário comercial ou a uma lista de telefones, e principiava pelas vilas e freguesias e lá vai ele. Não punha nomes, era: Escola de..., Associação Desportiva..., Empregados e operários da Casa de..., Fábrica de..., Hospital de..., Misericórdia de..., Cadeia de..., etc., etc., etc.

Temos quatrocentos e tal concelhos mas tirando aqueles em que o Gaiato já é conhecido, suponho que três mil Gaiatos seriam suficientes. Não tenho a fé do V/Pai Américo, nem mesmo a Vossa, mas estou convencido de que seria uma boa maneira de aumentar as assinaturas e os lucros.

Que bem se faria assim às almas. E' que (aqui para nós) o Gaiato tem o raro privilégio de poder chegar e fazer-se ouvir por aqueles aos quais não é possível fazer chegar uma única palavra do Evangelho. Ele vai aonde não podem ir nem os padres, nem os membros das confrarias ou da acção católica. Ele tem um poder de atracção maior do que vós, talvez, imaginais. Que pena, pois que ele esteja preso.

Bem entendido que eu ignoro aquilo que vós já fazeis neste campo de apostolado. Se falei de castigo, a ideia é boa. Adeus»

# AGORA

# PELAS CASAS DO GAIATO

Olhem este guião. Vejam o que nele é escrito. São letras de ouro. É isto que torna majestosa a nossa procissão quinzenal:

«Eu — António Ferreira Soares, bilheteiro do Coliseu do Porto, venho por meio desta carta oferecer para o Património dos Pobres a importância de 227\$50 correspondente ao aumento do meu ordenado do mês de Março findo, obtido por meio do novo contrato colectivo de trabalho e não estava ainda receber em Março.»

Imediatamente a seguir, vai aquele senhor que, com mais esta prestação de mil, terminou a sua casa. Todos os meses ele aparecia. Em três linhas dava o seu recado. Letra certa e segura e admirável cadência. Primeiramente dizia *se Deus quiser*. Depois escrevia *Deus o quer*. Hoje com a derradeira prestação exclama *Louvado seja Deus*. Isto é um cântico de glória. O papel das doze cartas, pela tarja, diz-nos que é alguém de luto. Se homem, se mulher não sabemos. Luto quer dizer dor. Dor quer dizer conhecimento. Não há outro remédio para os males da alma. Não há melhor amigo e conselheiro. É ela, a dor, que nos dá o poder misterioso de nos comunicarmos a outras almas. A doutrina da Comunicação dos Santos tem aqui o seu fundamento. Tudo isto vai na procissão. Oh! procissão. Vai aqui um senhor de Lisboa com 500\$. Um do Porto com a terceira prestação de 20\$. O pessoal dos Serviços de Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Angola em Luanda, também aqui vai com perto de onze contos. Os senhores afastem-se e deixem passar. É gente de África afeita a larguezas e não gosta de apertões. Nós por aqui não sabemos nem fazemos ideia do que aquilo seja. Somos todos uns atrelados. Outra arrumadela por favor. São os Funcionários do Gaz e Electricidade que passam:

«Esta carta não traz notícias de sensação! Vem revelar-lhe apenas que os funcionários dos Serviços Municipalizados de Gaz e Electricidade acabam de depositar no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa a importância de Esc. 3.000\$00 como 1.<sup>a</sup> prestação da quantia de Esc. 12.000\$00 que se propõem realizar para poderem oferecer também a sua casa ao Património dos Pobres.

Esta cruzada vai ser um bocadinho morosa, porque aos ganhos, que não são muitos, pouco, muito pouco mesmo se pode tirar. Alguns dão até algo do pouco que lhes faz falta. Estes são os que mantêm o seu entusiasmo por essa grandiosa Obra e pagam a sua generosidade com perigo até do seu equilíbrio económico.

É a Obra da Rua que, tendo os seus alicerces nas escadas dos muitos «Barredos», se impõe agora, acima de todas as consciências religiosas, à consciência dos homens bons, quer estes professem uma ou outra ideologia, quer sejam modestos funcionários ou senhores de grandes fazendas.

Os Funcionários do Gaz e Electricidade do Porto — Mais a Júlia de Lisboa com 300\$, terceira prestação. Do Porto mais 100\$. Mais 200\$ de algures. Mais largueza. Agora é um mundo. Já recebemos duas prestações; 221\$ e 194\$70, mas aqui dizemos que, se tal convier, parecia-nos melhor, em vez de vales, depositar

no Banco Espírito Santo, *conta Património dos Pobres*. Ora deixem passar:

«Os funcionários dos C. T. T. da cidade do Porto pensaram, em boa hora, oferecer uma casa para o Património dos Pobres.

Para tal, todos os meses os diversos sectores enviarão os vales das importâncias obtidas, que pedimos o favor de creditar em nome dos funcionários dos C. T. T. do Porto e de no jornal da primeira quinzena do mês, dizer da totalidade das importâncias decididas, para orientação.

A fim de animar os restantes sectores e estações nesta iniciativa pedimos, também, para no jornal, junto da importância recebida escrever o seguinte: — Os sectores e estações que ainda não colaboraram podem enviar os vales com tomador — «Pessoal dos C. T. T. da cidade do Porto da... (estação ou sector)».

Fazendo votos para que se consigam os 12 «Kilos» rapidamente, cumprimentamos.»

Hoje parece ser a procissão dos C. T. T.. A turma do Porto segue-se este grito de Coimbra. É da *Maria dos C. T. T.*. Queiram ouvir:

«Senhores funcionários dos C. T. T. de Coimbra, sigam-me. Exploração e Técnico Pessoal maior e menor! Chefes! Off! Opp! Opprr! Telefonistas, etc, levantem um dedo. Será paga aos poucos. Mas, todos os meses cada um dará o que puder e quiser para este fim. Um pouco, para os mais modestos, bastará para que não faltem. Poderão entregar na Casa do Gaiato, no Porfírio Delgado, no Castelo, na mão dos vendedores, por vale, cartão a chamar a casa, etc. Todos sabemos que pode ser assim. Depois quando a casa estiver erguida ver-se-á numa modesta mas gritante placa: «Casa dos C. T. T. de Coimbra». Frase bela! Regalo para os olhos fatigados do duro trabalho quotidiano de todos os bons funcionários de Coimbra. Avante, pois! Não esmoreçam, não se deixem vencer pela preguiça ou pelo egoísmo. Não fujam! Não desertem! Desertar não é próprio de portugueses briosos! É mais nada, que já muito disse. Para o mês que vem voltarei, depois para o outro e assim sempre enquanto existir a rubrica Património dos Pobres.

Maria dos C. T. T.

É impossível que isto não chame também pelas Telefonistas. Telefonistas da Companhia Inglesa daqui do Porto. Sabemos que por lá se fia muito fino, tanto, que os nossos vendedores não podem entrar lá dentro; entregam e é um funcionário que vai distribuir. Mas isto não quer dizer nada nem impede de enfileirar. Também se chama fiar fino. Mesmo porque os funcionários poderiam, desta maneira chamar pelos Directores. É uma Companhia Inglesa. *Some 200 pounds would be enough and how good if they come!* Mais de Penacova, 50\$. Lisboa vai com 200\$. Outra vez mais largueza. Hoje é uma tal procissão. São as Noelistas. Noelistas do Porto. Elas querem dar uma casa e vão aqui com um tabuleiro e dentro 4,573\$50. É o segundo organismo católico que aparece. Ora nós também precisamos de católicos para esta Obra. A empreitada de Miragaia foi dada por *oitocentos contos*. Miragaia é no Porto. Nós temos que os sacar

**PACO DE SOUSA** No Passado dia 11 os nossos juniors foram à Sobreira jogar com igual categoria do União Sport Clube de Paredes.

Desafio correcto, que o nosso adversário venceu por uma bola a zero, apesar do nosso intenso domínio.

Nos nossos adversários destacaram-se: Xico e Garcez. No nosso grupo: Cândido Pereira e Nicolau.

— Já se matou a porca sem orelhas, por quem os visitantes nutriam especial simpatia. Estava muito gorda, pois até partiu por duas vezes a corda do carro que a segurava ao ser desmanchada.

Quando os senhores cá vierem escusam de perguntar pela porca sem orelhas, pois os únicos que podem falar com autoridade são os nossos estômagos. Os outros seus irmãos quando pequeninos roeram-lhe as orelhas com inveja de ela ser a mais gorda de todos e nós agora com inveja estamos de não haver mais porca sem orelhas...

— Estamos a oito dias da Páscoa e cá em casa não se fala noutra coisa que não sejam as amendoas, pão de ló, caldo de castanhas piladas e vinho fino. Tem por força de entrar na baila a Sra. D. Ana Pinto da Silva, senhora que todos os anos vem servir o almoço: se traz muita quantidade de lambarices e se traz muitos emblemas.

Não podiam faltar de maneira nenhuma: *Manel do Embrulho, Alírio, Banana, Casaca*, etc, que projectam trocar, por meias: canetas, boinas, etc.

— Os chefes da casa dois andam empenhados no tratamento dos seus jardins. Agora é o tempo próprio e eles querem embelezar muito a sua casa.

São, por isso, precisas algumas plantas, e por isso apelamos para os senhores horticultores.

— O Caminha foi ao médico e este receitou-lhe um remédio que podia ser tomado com chá, café ou água. Quando chegou à refeição, mandou o refeiteiro à senhora para lhe mandar um caneca de café para tomar o dito remédio, mas não lho mandou.

Ele então foi ao papel que trazia as indicações e riscou a água. Quis passar uma rasteira à senhora mas ela não foi no bote...

Querias um cafézinho? Também eu!...

— Recebi selos dos senhores: António da Silva Pena Peralta, assinante 9.368, das Devezas. Das senhoras: Francisca Gabriela de Mesquita, de Vila Real, Branca Pinto, do Porto e uma admiradora da Obra, de Cascais.

— Quanto a jornais: Um anónimo de Lisboa e a Senhora do costume de Coimbra.

Vários senhores me perguntaram por carta que espécie de jornais eu colecionava e como não posso responder por carta a todos respondo aqui.

Toda a espécie de jornais, desde o mais modesto da província ao maior dos diários.

Por hoje mais nada. Cumprimentos do

Daniel Borges da Silva

**LAR DE LISBOA** Meus caros leitores, mais uma vez reaparecem as notícias do nosso Lar; a nossa ausência é devida à falta de jeito e de tempo.

La vou eu começar com os pedidos.

no Porto. Todos são chamados. E todos são precisos. No fim de tudo vai uma de Lisboa com 1.000\$.

Chegados a este ponto, eram horas de recolher, sim, mas como, se vêm lá as *Marias de Portugal*. Deixem passar e escutem-nas:

«Marias de Portugal! — Cheias de entusiasmo formemos uma nova procissão. Juntamos todas as pedrinhas. Dádivas de Marias ricas e sacrifícios de Marias pobres, para que em cada diocese se erga um lar para os «Sem Abrigo», com o nosso nome.

Comecemos pela diocese do Porto, pedindo para que a primeira seja construída no Barredo ou Miragaia e com a lápide «Casa das Marias de Portugal».

MARIA.

Não ficam em palavras as Marias; uma delas foi ao Banco Espírito Santo e deixou o fruto da primeira jornada 950\$.

Ninguém contava! Teremos que desdobrar e fazer uma procissão especial, mesmo por causa do barulho. Sim senhor; o plano das casas de Miragaia, inclui algumas de dois andares, para oito famílias. Uma delas vai ser a *Casa das Marias de Portugal*.

Há muito tempo que andamos a pedir um ferro eléctrico e uma telefonia. O ferro eléctrico já apareceu, foi um senhor muito nosso amigo que quando veio cá ao Lar, viu o Diogo a passar a roupa com um ferro a carvão, chegou a casa dele pediu à mãe e ela cedeu-o logo.

Com respeito à telefonia, os rapazes estão fartos de dizer que querem ouvir o relato de futebol e do hoquei em patins, vamos lá ver se os nossos leitores se lembram de nós.

— A nossa Conferência já está adiantada. Temos seis pobres, qual deles o mais pobre.

Como nós ganhámos pouco o que nos vale são os subscritores. O que eles mais querem é açúcar, mas como está caro, nem sempre o podemos levar. Se aqui em Lisboa houvesse terreno como no Porto, nós havíamos de ser os primeiros a construir casas para os pobres. A família que nós visitamos mais miserável, mora num canto tão escuro e tão sujo que se não pode lá estar cinco minutos.

— Apareceu aqui o nosso antigo companheiro o Caveira. Quis ir correr mundo mas não se deve ter dado bem com a viagem. Vinha todo roto e faminto. É o castigo que tem quem não quer ouvir os bons conselhos.

— Fizemos hoje a nossa desobriga. Fomos com os homens católicos da freguesia comungar à igreja dos Anjos. Tivemos um almoço melhorado e à tarde era para irmos ver «A Túnica» mas como não conseguimos bilhete fomos ao futebol.

— Peço aos nossos leitores desculpa de não ser mais bem escrito, como é a primeira vez que escrevo, não admira, para a outra vez será melhor.

Se alguém se lembrar de nós, procure o Lar que é na Rua Renato Baptista, 70-1.º — Lisboa.

José Cascais Martins

**LAR DO PORTO** Tendo o nosso chefe o Carlos Inácio ido à inspecção o ano passado, e ficado apurado para o serviço auxiliar recebeu há dias uma ordem para se apresentar em Lisboa no dia 1 de Abril. A este nosso irmão, felicidades, e que se alguma vez for chamado a defender a nossa querida Pátria, lute até à última gota de sangue.

E agora para substituir o Carlos Inácio na chefia deste Lar do Gaiato veio de Paço de Sousa o Manuel Pinto, que já ocupou este posto várias vezes. A ele igualmente desejamos felicidades e que saiba cumprir o seu dever, nós faremos o possível para nos portarmos bem e ajudá-lo sempre no que for preciso.

— Fugiu há pouco tempo o Arlindo que era o nosso cozinheiro. É natural de Santo Tirso, e tem 19 anos de idade. O rapaz já há pouco tinha pedido ao nosso Pai Américo para se ir embora, mas o Pai Américo via que ele ia estragar o futuro não o deixou, e disse-lhe para se ir aperfeiçoando na cozinha, porque em África tinha um bom futuro e que ganharia o suficiente para ele viver à vontade. O Arlindo pareceu ficar a pensar nas palavras que o Pai Américo lhe disse, mas há pouco quando ninguém contava fugiu inesperadamente. E agora digo eu cá para mim, será mais um vagabundo para a Vida? Não sei, mas Deus queira que não.

Jodo de Buarcos

**A venda do «Famoso» EM AVEIRO**

Desta vez tive uma venda muito fraca nesta cidade pois só vendi 246 e ainda 30 foi no Porto que os vendi. Espero que isto seja por causa da Feira de Março pois todos os anos costuma ser assim. Porque eu não quero nem devo deixar de vender menos de 250 nesta cidade espero pois que esta façanha não se volte a repetir. Pois já uma vez chegamos a vender 200 jornais e baixou para 100. Vamos lá ver se desta vez torna a ser igual.

— Nesta última vez fui comer a casa de uns Senhores da Rua de S. Bento onde me serviram do bom e do melhor, e parece que fizeram jantar especial por eu lá ir almoçar. Eu não compreendo quando a gente andava lá por fora ninguém nos convidava e agora até nos fazem jantar especial pela nossa ida a casa deles; dantes eramos o lixo mas agora todos nos querem.

— Quero agradecer por meio desta crónica ao senhor Olindo Moura de Lisboa que foi o único que me ouviu na minha crónica a pedir o relógio. Eu não me esqueci dele pois já lhe escrevi uma carta mas quero-lhe fazer uma referência especial no nosso jornal. A este senhor um muito obrigado. Agora uma coisa que eu peço a todos os Aveirenses era selos pois agora ando com muito animo a colecioná-los. Esperava pois que se lembrassem de mim. E agora despeço-me de todos os Aveirenses e até à próxima. É para terminar peço desculpa a todos de esta crónica ser pequena mas na altura não tenho mais nada a contar.

JOÃO DE BUARCOS

**Notícias da Conferência da Nossa Aldeia**

que entenderem. Vosso amigo, Risonho.» Como o Pai Américo não fez objecção alguma na carta, tudo iudica que pode continuar a encaminhar a importância para a nossa caixa muito desfalcada. Assinante 10.508, da Régua, 50\$00, Emília F. Leal, de Lisboa, 100\$00. Por alma de Daniel Ladeira igual quantia. A quarta parte dum aumentozinho de ordenado, para a Conferência de S. Vicente de Paulo 50\$00. Da assinante 17.022, de Leiria, 20\$00. Os vicentinos de Arraiolos, venceram a resistência do Pai Américo e depositaram-lhe nas mãos 500\$00 para a Conferência. Vicentinos heróis! Pereira do Campo, 25\$00. Fernando Carreira, do Porto, 10\$00. E por hoje mais nada.

JÚLIO MENDES